



Quem fará a revolução no Brasil?

Vitor Hugo Tonin¹

Resumo

O presente texto resenha o mais recente livro de Gilberto Felisberto Vasconcellos: *Gunder Frank: o enguiço das ciências sociais*. Com o objetivo de narrar a história intelectual de Andre Gunder Frank demonstrando a degeneração das ciências sociais no Brasil desde então, o autor acaba também se revelando como um dos principais expoentes da sociologia brasileira. Com erotismo e precisão entra a fundo nas ciências sociais e recoloca no centro do debate a principal questão sociológica latino-americana: quem será o sujeito político que fará a revolução no subdesenvolvimento?

Palavras-chave: Subdesenvolvimento, Ciências Sociais, Gunder Frank

Resumen

El texto reseña el más reciente libro de Gilberto Felisberto Vasconcellos: *Gunder Frank: el empecillo de las ciencias sociales*. Con el objetivo de narrar la historia intelectual de Andre Gunder Frank y haciendo demostración de la degeneración de las ciencias sociales en Brasil desde entonces, el autor igualmente revelase como uno de los principales exponentes de la sociología brasileña. Con erotismo y precisión entra a fondo en las ciencias sociales y recoloca en el centro del debate la cuestión principal de la sociología latino-americana: quién será el sujeto político que hará la revolución en el subdesarrollo?

Palabras clave: Subdesarrollo, Ciencias Sociales, Gunder Frank

Summary

This paper review the latest book by Gilberto Felisberto Vasconcellos: *Gunder Frank: the breakdow of the social sciences*. Aiming to chronicle the intellectual Andre Gunder Frank story he demonstrates the degeneration of social sciences in Brazil. The author also turns out to be one of the main exponents of Brazilian sociology. With eroticism and precision he goes deep in the social sciences and relocates the center of debate a leading Latin American sociological question: who will be the political subject that will make the revolution in underdevelopment?

Keywords: Underdevelopment, Social Sciences, Gunder Frank

Gunder Frank: o enguiço das ciências sociais cumpre duas tarefas, desvela dois gênios: Gunder Frank e Gilberto Felisberto Vasconcellos. Com seu estilo literário Vasconcellos rompe o pendantismo e a linguagem formulária das ciências sociais: é o nex

¹ Economista e mestrando em Arquitetura, Urbanismo e História da Cidade na Universidade Federal de Santa Catarina. Correio eletrônico: vitorht@gmail.com

entre a pose e a prosa, denuncia. Afinal, na latitude subdesenvolvida o pedantismo se torna um instrumento ainda mais importante para a afirmação das ciências sociais, para legitimar sua existência neste profundo vale de lágrimas que é o subdesenvolvimento. Não é fácil ser cientista social no subdesenvolvimento, afirmou hipócritamente Fernando Henrique Cardoso na sua crítica à Ruy Mauro Marini (CARDOSO; SERRA, 1979). Pois sabia que para ser cientista social bem sucedido num país dependente importa menos a verdade científica e mais a aliança com os aparatos ideológicos imperialistas. O resto é pedantismo, a linguagem formulária e antierótica. O nexó entre a pose e a prosa.

Como a forma e o conteúdo são partes constitutivas do mesmo fenômeno, os conceitos de Vasconcellos além de obras artísticas adquirem muito mais clarividência e, portanto, mais potência operativa. Pincei alguns exemplos a fim de atizar a tua curiosidade, caro leitor. Já na primeira página do livro, uma joia:

Provavelmente a recepção teria sido diferente se ele (Gunder Grank) fosse um tipo esnobe, cosmopolita, diletante diretor de instituto de pesquisa e portador de valor de troca no mundo acadêmico, promotor de colóquio, seminários, simpósios, enfim, um compêndio vivo da mercadoria universitária (VASCONCELLOS, 2014, p.9).

Que tal uma análise crítica da universidade a partir do conceito de “mercadoria universitária”? Quão claro fica para um jovem estudante, recém-ingresso numa universidade brasileira, a diferença de tratamento entre os professores das engenharias e das humanas quando ele domina o conceito de mercadoria universitária? Como o “valor de troca no mundo acadêmico” desvela as determinações das políticas nacionais de educação superior?

Outro exemplo é sua definição de neoliberalismo: “um neweberianismo que concilia democracia formal com capital monopolista financeiro.” (idem, p.177). Páginas e páginas, livros e mais teses foram desenvolvidas afim de dar algum sentido científico ao termo, mas acabavam mais por mistificá-lo. Hoje talvez esteja mais claro a forte carga ideológica que adquiriu este conceito, afinal, muitos de seus arautos se situam entre os ideólogos governistas do pós-neoliberalismo. Mas como discutir pós neoliberalismo? Que derrotas sofreu o capital monopolista? Quais avanços que tivemos nesse sistema “democrático” de dominação? Vasconcellos, de maneira singela, conjugando dois outros conceitos define com precisão o momento histórico que pode ser chamado de neoliberalismo, na “latitude subdesenvolvida”.

Este aliás, outro conceito fundamental. Em geral os cientistas sociais ignoram completamente a noção de espaço. A espacialidade é ofuscada por uma narrativa historicamente linear. Latitude subdesenvolvida é desde onde social, geográfica e historicamente sentimos o mundo, desde onde falamos e desenvolvemos a ciência.

Além de precisar e criar conceitos Vasconcellos opera também “reduções sociológicas” sobre conceitos existentes, tal qual recomendava Guerreiro Ramos (RAMOS, 1996), . Segue o exemplo desta operação sobre o termo “sociedade civil organizada”:

O neoliberalismo é também um tipo de cultura, ou melhor, de ideologia (TV, parlamento, universidade) para justificar o que ocorre na economia, pois a própria democracia não passa de um mecanismo de mercado: o político é empresário e o eleitor conservador. É nesse contexto que foi espreitada pelo Banco Mundial a retórica sobre a ‘sociedade civil’ como a esfera do progresso, mas não podemos esquecer que foi a ‘sociedade civil organizada’ que deu o golpe de 64 no Brasil. (VASCONCELLOS, 2014, p.23).

Poder-se-á objetar sobre um suposto caráter personalista nas crítica de Vasconcellos. “Um desrespeito”, dirão. Acontece que a luta política dentro da universidade, como em qualquer outro lugar, não é o terreno da inteligência e a sociologia brasileira é obra da luta política, protagonizada por pessoas, de carne e osso e não de semi-deuses intelectuais. Para a decepção de muitos e a ira de outros, Gilberto contribui, assim, para romper com o fetiche do intelectual, da ciência e da cultura.

Tratemos agora da outra, da principal tarefa do livro: desvelar André Gunder Frank. Tratar de Gunder Frank na época atual é muito mais do que resenhar ou sistematizar a obra de um autor, é também fazer uma análise crítica da evolução das ciências sociais. Ou, mais precisamente, tratar “da regressão política e cultural das ciências sociais que recalcam o conceito de imperialismo.” Ou ainda, “é colocar em destaque o papel das ciências sociais na estrutura de poder na América Latina, sobretudo no Brasil. Melhor seria dizer o papel das ciências sociais” (idem, p. 95). É por isso que deu no que deu: um livro inteiro. Pois com toda razão, Vasconcellos afirma que a diáspora de Gunder Frank pelo terceiro mundo foi um dos acontecimentos mais importantes da história das ciências sociais e econômicas do século XX: “Logo que chegou ao Brasil detonou as interpretações sobre a América Latina, intelectual estraga festas, criador de caso, enfim, um enguiço. (idem, p.89)”

Enguiço porque atrapalhou o (sub)desenvolvimento normal da sociologia brasileira e Latino Americana num momento em que nossos sociólogos estavam “mentalmente colonizados pelo eurocentrismo e pelo liberal funcionalismo dos Estados Unidos” (idem, p.89). Foi neste contexto que passou o “furacão Frank” pelas ciências sociais: um destruidor de mistificações que enguiçou o andamento “normal” das ciências sociais.

Em primeiro lugar, contra Rostow e toda a sociologia funcionalista propagada por aqui, o subdesenvolvimento não é uma etapa anterior ao desenvolvimento e sim uma das partes constituintes do desenvolvimento do capitalismo mundial. Assim países desenvolvidos e subdesenvolvidos são parte do mesmo processo e suas situações são interdeterminadas. Isso significa que a responsabilidade pelo subdesenvolvimento não se encontra internamente, mas

na relação destes países com os países desenvolvidos. E, por outro lado, as causas do “sucesso” dos países desenvolvidos está no subdesenvolvimento de outros países. Por isso o conceito de “desenvolvimento do subdesenvolvimento” é um primor teórico e linguístico.

Para fundamentar esta ideia tão singela e ao mesmo tempo tão arrasadora para época, Frank teve que combater o “mito do feudalismo na agricultura brasileira” e o mito do papel idílico do investimento – “ajuda”, dizia-se na época – estrangeiro (FRANK, 1978) . Teve também que denunciar a burguesia local como lumpenburguesia, isto é, uma burguesia forte para explorar seu povo, mas fraca para enfrentar as burguesias imperialistas, preferindo, assim, aliar-se a elas (idem, 1971).

Tudo isso através de uma interpretação histórico-espacial: é a constelação metrópole satélite que permite entender que as relações escravistas ainda existentes nos rincões do Brasil são produzidas pelo mundo “civilizado” das finanças de Wall Street. Essa espacialização histórica do desenvolvimento desigual e combinado, essa constelação frankiana permitiu territorializar a hierarquia interna das classes dominantes: o golpe será paulista! E ilumina, também, o debate sobre a urbanização nos países dependentes.

Por tudo isso, afirmou Frank, não há saída do subdesenvolvimento dentro do capitalismo mundial. Conclusão concomitantemente encontrada por Samir Amin. Ideia perigosa, portanto.

A proscrição a que foi submetida a obra de Gunder Frank no Brasil é algo teoricamente inexplicável. Sua obra é de uma potência teórica muito superior a noventa por cento do que se estuda nas disciplinas da área de ciências sociais. Como dizia Furtado, “não é que o que se ensina não seja importante, mas é que o que realmente importa não é ensinado” (FURTADO, 1964). A explicação é portanto de ordem política como denunciou o equatoriano Agustín Cueva.

Gunder Frank, como quase todo teórico alemão, tinha consciência crítica dos nomes utilizados em seus conceitos. Muito se debateu à procura de palavras apropriadas para designar os processos históricos: subdesenvolvimento, lumpendesenvolvimento, pré-capitalismo, capitalismo colonial. Escreveu, inclusive um *Mea culpa*, declarando, entre outras, esta limitação: “ainda não soube libertar-me do colonialismo cultural que nos impõe uma terminologia – e, com isso, uma conceitualização? - aberrante e inconsequente com a realidade que estamos a analisar para a podermos transformar”, admitiu (FRANK, 1971). Afinal esta não é uma questão menor e rigorosamente nos leva a questionar, inclusive, a palavra “dependência”, como adverte Vasconcellos:

Gunder Frank usava o termo subdesenvolvimento mais do que “dependencia”, palavra essa que virou (por um milagre epistemológico) “teoria”. E mais: apareceu um neologismo pavoroso – “dependentista” – sem que se soubesse se o dependentólogo

era contra ou a favor da dependência. A abordagem psicolinguística tem sua razão de ser, não só porque ele prezava estilo de escrever, mas também pelo estrago político que a sociologia provocou no país com o charlatanismo e a desmoralização dos professores universitários. Longe de ser uma birra idiossincrática minha contra a palavra “dependência”, cito aqui o poeta italiano Pier Paolo Pasolini, estudioso de questões filológicas que advertia na década de 70: “a minha ideologia linguística é de origem gramsciana: língua e política são indissolivelmente conexos” (Descrizioni di Descrizioni, Garzanti, Itália) (VASCONCELLOS, 2014, p.164)

Por isso, não podemos colocar Frank como um dos teóricos da versão marxista da teoria da dependência. Ele não topou essa. Embora, como revela Nildo Ouriques, sempre afirmou que a dependência era real. A questão era: o que fazer com ela? Sem resposta, Frank entoou “A dependência está morta. Viva à dependência e a luta de classes” (FRANK, 1978). E foi se meter a estudar a história do capitalismo mundial e as ondas longas. Deixando órfão justamente aqueles que mais necessitavam de sua atividade teórica: as vanguardas latino-americanas e os problemas específicos e imediatos da revolução necessária à superação do subdesenvolvimento.

No “arraial das ciências sociais”, seus textos assumiram o papel que vinha sendo travado por Guerreiro Ramos desde a década de 1950. Aliás, estranho este não-encontro entre Guerreiro Ramos e Gunder Frank. Afinal, foi ninguém menos que Guerreiro Ramos quem salvou Florestan Fernandes e Darcy Ribeiro, através da clássica polêmica durante o primeiro Congresso Brasileiro de Sociologia em 1954. Guerreiro foi o autor da “sociologia em mangas de camisa”. Foi também o primeiro tutor de Ruy Mauro Marini. Vânia Bambirra lembrou em seu Memorial que Guerreiro foi a principal influência na sua geração da UFMG e chegou a ser padrinho de seu casamento com Theotonio dos Santos. Todos estes personagens (Vânia, Theotonio, Marini, Darcy e Frank) exerceriam importantíssimo papel no vigoroso movimento de emancipação crítica da intelectualidade brasileira e latino-americana durante os anos 1960 e 1970. Darcy, inclusive foi um importante interlocutor de Gunder Frank. Por que Frank não foi, também, parceiro de Guerreiro? De qualquer maneira é espantosa a similaridade de estilo literário entre os dois.

Impressiona, no entanto, a rapidez com que Gunder Frank se apropriou do debate em curso e elaborou suas teses. Foram necessários somente 3 meses! Seria fruto da genialidade alemã formada em Chicago, provoca Vasconcellos? O decisivo, e é fundamental reconhecer, foi a influência desta jovem intelectualidade militante brasileira, conhecida na época como “nova esquerda”. Não à toa Frank ficou no Brasil e não no Chile ou outro país. Era aqui que estava surgindo uma intelectualidade militante e revolucionária responsável pela formulação de novas interpretações da realidade. Leovegildo Pereira Leal, militante da Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (Polop) entre 1965 a 1980, revela que Gunder Frank deve parte de suas concepções ao contato que manteve com este grupo militante que

ousava combater a estratégia democrático burguesa do PCB e, por isso, questionava teoricamente as teses cepalinas através do marxismo, rompendo assim o monopólio do Partido Comunista sobre esta teoria (LEAL, 1992). Gunder Frank trabalhou na Universidade de Brasília com Marini, Santos, Bambirra e Darcy. Esteve presente no primeiro congresso nacional da Polop, organização que aglutinava justamente todos estes personagens, à exceção de Darcy Ribeiro.

Por fim, o incansável Gilberto busca incessantemente nos textos de Frank uma teoria da revolução, ou melhor, uma pergunta: quem fará a revolução no Brasil? Esta era, também, a pergunta de Darcy Ribeiro em seu iracundo “O dilema da América Latina”. Após muito procurar, Vasconcellos conclui “Em Gunder Frank não há teoria da revolução”. Ao mesmo tempo rebate a crítica feita por Theotonio dos Santos à Gunder Frank: “Theotonio dos Santos, em *Imperialismo y Dependencia*, assinalou que Gunder Frank realizava uma excelente ‘tarefa crítica’, mas esta não era acompanhada de ‘feliz proposição teórica’. O que é isso de separar crítica excelente de teoria que não é feliz?”, ironiza Vasconcellos (VASCONCELOS, 2014, p.137). A meu ver, no entanto, aquela limitação de Frank, aquela ausência de “teoria da revolução” identificada por Vasconcellos é em parte explicada pela justa crítica de Theotonio dos Santos.

A crítica de Theotonio dos Santos é, em essência, a mesma de Marini: a “feliz crítica” realizada por Frank se dirige contra as interpretações da CEPAL e dos PCs da época. Está fundamentada nos fatos e acontecimentos da história da América Latina. Para uma boa crítica, nada como a verdade histórica. Ainda mais quando muito bem narrada e periodizada, como faz Gunder Frank. Não é necessário uma teoria superior para criticar outra, embora sua presença facilite muito a tarefa. Por isso sua crítica é arrasadora, um furacão, como bem afirmou Vasconcellos.

Entretanto, e é isso que afirmam Marini e Theotonio dos Santos, a precisão conceitual nas ciências sociais é fundamental para orientar uma práxis revolucionária, para a criação da teoria revolucionária como verdadeiro guia de ação. Para saber exatamente o que fazer diante das atuais formas da dependência são necessários muito mais que os conceitos apresentados por Frank. Não basta saber que é tudo apropriação de excedente em escalas diferentes na constelação do capitalismo mundial. Afinal, “é necessário explicar como, apesar desta continuidade da dependência, ela tem alterado suas formas. Pois são essas alterações que geraram a profunda crise atual que exige uma solução socialista e que a permite.” (SANTOS, 1978, p.352) Ou seja, a certa crítica metodológica de Santos e Marini explicam a limitação de Frank tão bem anotada por Vasconcellos.

Isto explica, em parte, a ausência de uma teoria revolucionária em Frank. Digo “em parte”, pois validação desta ou daquela teoria revolucionária não se dá no terreno da teoria e

sim na prática. São dois registros distintos. Quero dizer, não é a coerência interna dos conceitos de Frank, de Theotonio dos Santos ou de qualquer outro que responderão quem fará a revolução no Brasil. Pois a resposta só existirá quando ela surgir validando assim uma prática fundada em determinada teoria. Enquanto isso não ocorre a teoria está em aberto. Por isso este é o fio desencapado da interpretação do desenvolvimento do subdesenvolvimento que só será resolvido se conectado com uma práxis política. Esta práxis política está em construção desde a década de 1960 e por isso ainda não se pode afirmar quem fará a revolução no Brasil.

Não será a burguesia local, não serão os latifundiários, não será com apoio do imperialismo. Será fundamental a presença dos marginalizados. Qual papel jogará a aristocracia operária? Qual papel jogará a pequena burguesia? Qual será a capacidade das vanguardas e das massas em se aliarem as estes setores? Guerreiro Ramos, Darcy Ribeiro, Gunder Frank e Ruy Mauro Marini. Não são suficientes para sanar essas dúvidas, sem eles não as teríamos em formas tão precisas.

Referências

- AMIN, Samir. *La acumulación en escala mundial*. Buenos Aires: Siglo XXI Argentina Editores, 1975.
- BAMBIRRA, Vânia. **Memorial**. Fotocópia.
- CARDOSO, F. H; SERRA. **As desventuras da dialética da dependência**. Cadernos CEBRAP, n. 23, São Paulo, 1979.
- CUEVA, Agustín. *Entre la ira y la esperanza*. Buenos Aires: Clacso, 2007.
- FRANK, Andre Gunder. *Capitalismo y subdesarrollo en América Latina*. 5. ed. Mexico: Siglo Veintiuno, 1978.
- FRANK, Andre Gunder. **Lumpu-burguesia: lumpen-desenvolvimento**. Porto: Portucalense editora, 1971.
- FURTADO, C. **A pré-revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- LEAL, Leovegildo P. **Política operária: a quebra do monopólio político, teórico e ideológico do reformismo na esquerda brasileira**. 1992. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.
- MARINI, Ruy Mauro. **Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- OURIQUES, Nildo. André Gunder Frank - **A genial trajetória de um intelectual anti-acadêmico**. Disponível em: < http://www.iela.ufsc.br/?page=noticias_visualizacao&id=521>.
- PINTO, Álvaro Vieira. **A sociologia dos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2008.

RAMOS, Guerreiro. **A reducao sociologica**. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1996.

ROSTOW, W. W. **Etapas do desenvolvimento economico: (um manifesto não-comunista)**. 5. ed. aum. Rio de Janeiro: Zahar, 1974. Frank. Livro de urbanização

SANTOS, Theotonio dos. ***Imperialismo y dependencia***. México D. F.: Ediciones Era, 1978.